



FERNANDO
PITEIRA SANTOS

PORTUGUÊS,
CIDADÃO DO SÉCULO XX



FERNANDO PITEIRA SANTOS
Português, Cidadão do Século XX

Uma iniciativa de: Maria Stella Bicker Correia Ribeiro Piteira Santos
Organização e coordenação de: Maria Antónia Fiadeiro
Pesquisa documental e iconográfica: Maria Antónia Fiadeiro
Tratamento de texto: Ana Paula Moreira
Direcção gráfica e capa: Loja das Ideias
Fotografia da capa: Luiz Carvalho

© Maria Antónia Fiadeiro

© CAMPO DAS LETRAS – Editores, S. A., 2003

Rua D. Manuel II, n.º 33 - 5.º 4050-345 Porto

Telef.: 226080870 Fax: 226080880

E-mail: campo.lettras@mail.telepac.pt

Site: www.campo-lettras.pt

Impressão: Papelmunde, SMG, Lda. – V. N. de Famalicão

1.ª edição: Maio de 2003

Depósito legal: 195901/03

ISBN 972-610-637-0

Código de barras: 9789726106371

Esta edição foi apoiada por:

Câmara Municipal da Amadora

Centro de Documentação 25 de Abril – Universidade de Coimbra

Fundação Mário Soares

Maria Stella Bicker Correia Ribeiro Piteira Santos



SAUDADE DE FERNANDO PITEIRA SANTOS

Mário Dionísio

Conheci Fernando Piteira Santos quando, frequentando ele o primeiro ano de Direito, ia assistir às Assembleias Gerais realizadas na Faculdade de Letras com o ingénuo intuito de se criar uma Associação Académica. Era muito jovem, naturalmente, mas mostrava já a sua lucidez invulgar e o espírito acutilante. Ficámos logo amigos. Estava à porta o Bloco Académico Antifascista.

Em 1938, Fernando Piteira Santos faz parte do grupo (os futuros neo-realistas de Lisboa) que tomará a responsabilidade de orientar daí em diante o prestigiado semanário *O Diabo*. Lembro-me de ter ouvido um telefonema dele para Álvaro Cunhal: era indispensável que este escrevesse “qualquer coisa” para nos ajudar a encher o número que tínhamos de ter pronto dentro de três ou quatro dias. Daí saiu um pequeno artigo, “A mulher na China”, assinado com um pseudónimo, João da Silva. Do grupo faziam parte, entre outros, Jorge Domingues, António Gameiro, Manuel da Fonseca, Paulo Crato, eu próprio.

A vida de *O Diabo* teve então duas fases: uma (38-39), em que os delegados do grupo na redacção eram Jorge Domingues e eu, fase orientada no mais amplo sentido de unidade antifascista (os escritores da *presença* foram convidados a colaborar e colaboraram); outra (39-40), em que a orientação se tornou muito mais radical, tendo à testa da redacção Fernando Piteira Santos e Manuel Campos Lima, cujo nome viria a aparecer no cabeçalho como director. Foi essa fase que ajudou a levar à proibição do jornal.

Lembro-me, quando resolvi sair da redacção por discordância da nova orientação, de ter sido visitado uma noite por Piteira Santos e Álvaro Cunhal que procuraram convencer-me a aceitá-la. Recusei e isto coincidiu com uma longa doença que me afastou de todo o trabalho durante três anos, longa doença em que fui muito acompanhado e estimulado por vários amigos, entre eles precisamente Piteira e Cunhal.

Entretanto, a actividade de Piteira não parava, quer no campo legal, quer no ilegal. Era realmente incansável. Em tudo estava presente, quer na organi-

zação do préstito fúnebre de Bento Caraça, quer, mais tarde, na do espólio de Manuel Ribeiro de Pavia.

Em 1952 (mês de Abril), sai o primeiro número do jornal *Ler*, lançado por Publicações Europa-América e pelo seu proprietário Francisco Lyon de Castro, tendo como vivíssimo chefe de redacção Fernando Piteira Santos, cujo espírito crítico o afastara já do PCP. Nesse jornal tive o prazer de colaborar frequentemente, apesar das pressões para que o não fizesse, pressões sem qualquer sentido porque, tendo já readquirido a minha total independência política, não me competia combater Piteira em nome fosse do que fosse e porque tudo que se disse contra o *Ler* seria desmentido pelo poder da Censura não muito tempo depois.

A actividade de Fernando Piteira Santos continua sem desânimo. Nada o dobra. Nascera para lutar pela liberdade.

Em 1958 (Janeiro) consegue-se que a Censura autorize ser a *Gazeta Musical*, órgão da Academia dos Amadores de Música, transformada em *Gazeta Musical e de Todas as Artes*, o que permitiu passarem a ser seus colaboradores, além dos elementos habituais (João José Cochofel, Fernando Lopes Graça, Francine Benoit, Maria da Graça Amado da Cunha), muitos escritores, como Joel Serrão, José Gomes Ferreira, José Fernandes Fafe, Manuel Mendes, Augusto Abelaira, José Cardoso Pires, o autor destas linhas e, naturalmente, Fernando Piteira Santos. Aqui, como muitas vezes sucedia, a sua colaboração, embora activa, foi extremamente discreta: o seu nome não apareceu nunca na publicação e poucos saberão que era ele e eu, mas ele muito mais do que eu, que em minha casa, à noite, fazíamos a paginação da revista.

Uma vez, à saída de uma reunião da *Gazeta*, diz-me ele entre dentes: “Nunca mais me deixarei prender”. E, de facto, desapareceu para parte incerta e só anos depois voltei a vê-lo, quando, estando eu em Genève por motivo dum colóquio internacional, ele me apareceu, vindo de Argel, seu local de exílio, expressamente para darmos um abraço e conversarmos um pouco. Alegria enorme e espantosa conversa: exilado e a tal distância, ele sabia muito mais do que se passava em Portugal do que eu, que cá vivia. A sua vida foi na verdade uma luta permanente (PC até dada altura, MUD, MUNAF, campanha do Norton, caso Delgado, direcção do *Diário de Lisboa* depois de 74).

No seu regresso a Portugal no 25 de Abril, fui esperá-lo ao aeroporto e fiquei espantado (magoado) de ali ver tão pouca gente, em relação ao que sucedera dias antes com Mário Soares e mesmo com Álvaro Cunhal.